

# O INQUIETANTE EM “DROENHA” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Adelaide Caramuru CEZAR

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professora associada da Universidade Estadual de Londrina.

E-mail: accezar@sercomtel.com.br

## **Resumo:**

Objetiva-se análise do conto “Droenha”, presente em *Tutaméia* (Terceiras Estórias) de João Guimarães Rosa. O protagonista, Jenzirico, acreditando ter cometido um crime, vê-se obrigado a fugir do universo civilizado, indo viver, sozinho, numa Serra, totalmente inserido na natureza. Gradativamente, a racionalidade, registrada enquanto o protagonista está entre pedras, vai sendo substituída por fantasmagorias, conduzindo-o às brenhas, onde anteriormente viu seu *alter ego* nu e desarmado. Ao final, há o retorno ao mundo civilizado, trazendo consigo, do mundo primitivo, um mocó, animal que muito o torturou, colocando sua subjetividade em risco.

## **Palavras-Chave:**

João Guimarães Rosa; *Tutameia* (Terceiras Estórias); Droenha; inquietante.

**N**a literatura não é inquietante muita coisa que o seria se ocorresse na vida real, e que nela existem, para obter efeitos inquietantes, muitas possibilidades que não se acham na vida (FREUD. *O inquietante*, p. 371-2).

Leopoldo Lugones (1874-1938), escritor argentino a quem Jorge Luis Borges dedicou seu livro *O fazedor* (1960), é autor de conto intitulado “O descobrimento da circunferência”, publicado pela primeira vez em 1907 na revista *Caras e Caretas*, de Buenos Aires. O protagonista, Clinio Malabar, é um louco vivendo num manicômio. Sua loucura consiste em não aceitar situar-se fora de um círculo por ele traçado ao seu redor com giz que sempre traz consigo. Durante os vinte anos que viveu no manicômio, cercado pela circunferência por ele traçada e que os demais integrantes do manicômio respeitavam, Clinio Malabar nunca causou o menor transtorno. Conservou-se, por todo este tempo, conforme ressaltou um dos médicos internos, sem o menor sinal de envelhecimento. Tudo corria bem até que chegou ao manicômio um novo médico que se irritou com a circunferência sempre traçada pelo paciente. Inicia-se uma contenda e, certa noite, a circunferência é apagada, resultando na morte de Clinio Malabar. Dias depois, a voz do paciente morto passa a ser ouvida pelos presentes no recinto. Procura-se pelo lugar de emanção da voz e o encontram sob uma lata jogada ao chão. O médico, com um pontapé, tira a lata de seu lugar. Qual não é a surpresa de todos quando veem, sob a lata, inscrita com giz, uma das circunferências traçadas por Clinio Malabar.

Em seu livro *Tras los limites de lo real*, David Roas, professor Titular de Teoria Literária na Universidade Autônoma de Barcelona, depois de fazer referência ao conto de Leopoldo Lugones, cita Claudio Magris (1939), crítico literário italiano, destacando como o autor enfatiza a necessidade que sentimos dos limites que nos trazem segurança. Segundo o estudioso, “a fronteira é uma necessidade, porque sem ela, quer dizer sem distinção, não há identidade, não há forma, não há individualidade e não há sequer uma existência real, porque esta fica absorvida no informe e no distinto”<sup>1</sup> (MAGRIS, apud ROAS, 2011, p. 35, tradução minha).

Em “Droenha”<sup>2</sup>, conto de João Guimarães Rosa (1908-1967), depara-se o leitor com personagem bruscamente retirado de sua circunferência, de seu ambiente cotidiano, de seu “mundo sueto” (p. 54), como registra o narrador em terceira pessoa presente no citado conto roseano. Diferentemente de Clinio Malabar, o louco que se deu conta de que a sobrevivência dependia do situar-se dentro de uma circunferência, tendo morrido quando dela se viu priva-

<sup>1</sup> No livro de David Roas, esta é a afirmação: “Como advierte Claudio Magris, ‘la frontera es una necesidad, porque sin ella, es decir sin distinción, no hay identidad, no hay forma, no hay individualidade y no hay siquiera una existencia real, porque esta queda absorbida en lo informe y lo distinto’”.

<sup>2</sup> Rosa, João Guimarães. *Tutaméia* (Terceiras Estórias). 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Todas as citações deste trabalho serão retiradas desta edição. Indicaremos, portanto, apenas a sua página.

do, Jenzirico, protagonista do conto de João Guimarães Rosa, acreditando ter matado Zevasco, irmão de Tovasco, passa a viver numa Serra para onde são conduzidos os foragidos da Justiça. Neste espaço, vai gradativamente se efetuando processo de enlouquecimento do personagem, do qual se salva apenas por ter podido, em tempo hábil, retornar ao seu universo conhecido, familiar.

O primeiro parágrafo do conto roseano situa o leitor no progressivo movimento de perda do protagonista de seus referenciais urbanos ao chegar ao até então por ele desconhecido espaço da Serra, fora, muito além, de suas costumeiras fronteiras:

Amanhecendo o sol dava em desverde de rochedos e pedregulhos, fazia soledade, de repente, silêncio. Ventava, porém. Era ali lugar para pasmos; estava-se também perto das nuvens. Ele é que não podia retroceder. Voavam gaviões. Jenzirico nunca imaginara ter de matar um homem e vir a se esconder na Serra (ROSA, 1985, p. 50).

Duas palavras chamam de imediato a atenção do leitor: (1) “desverde”; (2) “pasma”. A primeira delas caracteriza-se pela negação do verde. Esta é a cor do renascimento, do recomeço sempre possível que conduz às flores e aos frutos próprios da vida. O “desverde” já no primeiro parágrafo apresentado está renunciando uma poética que operará por extração, por constante subtração, presente de forma reiterada no conto roseano, seja através do emprego do prefixo “des” que se faz presente em várias palavras empregadas no decorrer do conto – “depassou” (p. 50), “desenrolado” (p. 50), “desaprazível” (p. 51), “desregulado” (p. 51), “desagrado” (p. 52), “despercebia” (p. 52), “desconheceu” (p. 53), “desapercebido” (p. 53), “desassombro” (p. 53) – seja através da progressiva perda de peças de roupas e utensílios pelo protagonista, atuando como marca da passagem do universo civilizado, de onde provém, ao universo primitivo, para onde é, por necessidade circunstancial, conduzido. A negatividade, a saída do mundo do centro, do referido “mundo sueto” (p. 54) do narrador roseano, ainda se faz presente nas palavras “soledade” e “silêncio” situadas nesse parágrafo.

O emprego da palavra “pasma”, por sua vez, situa as ações subtrativas antes apontadas – subtração de vida, de cor, subtração de roupa, de convivência, de sons – na interioridade do personagem. Isto porque tal palavra, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, significa “agitação violenta”, “convulsão”, “perda dos sentidos”, “desmaio”, “sentimento de espanto”, “surpresa diante de algo que não se espera”, “admiração”, “assombro”. Assim sendo, o protagonista experimenta a gradativa perda e a decorrente emoção desta perda, pois, como diz o conto roseano, “Era ali lugar para pasmos” (p. 50). Jenzirico sente, pois, dia pós dia, o assombro da perda de objetos sem os quais não imaginara nunca poder viver. O novo se instaura pela perda do conhecido, do familiar.

O “ali” de que fala o narrador neste primeiro parágrafo do conto é a Serra, palavra sempre empregada no conto roseano em maiúscula. Trata-se de espaço situado fora da citada circunferência protetora de Clinio Malabar. Neste

até então desconhecido espaço, a Serra, encontra-se Jenzirico, personagem a sempre lembrar, com sufoco, o mundo conhecido, deixado para trás. Ali ele vivencia, dia e noite, o medo da morte, do desconhecido, do impossível. Nesta Serra, há duas metades: (1) a das pedras; (2) a das brenhas. A união destas duas metades é que dá nome ao conto, “Droenha”, conforme explica Nilce Sant’Anna Martins em *O léxico de Guimarães Rosa*:

DROENHA. Título de conto (T-X, 41-50). ND. / O voc. Pode ser uma criação do autor resultante da combinação da sil. final de **pedra** (com mudança de vogal) e de **brenha**, pals. que aparecem juntas no passo – *no meio da serra, em pedra e brenha* (T-X, 44-53). Encontra-se ainda o adj. cognato pedroenga (2001, p. 176).

O espaço das pedras é onde se encontra Jenzirico até praticamente o final da narrativa. Seu situar-se neste espaço é no conto justificado: “Precaviam-se ficando no limpo do pedregal” (p. 51). Este espaço não se apresenta como agradável: “De dia o calor, na regência do sol, as fragas amareladas alumiam, montanhitância, só em madrugadas e tarde se sofria o esfrio e vento” (p. 52). Neste espaço, Jenzirico vive o medo dos habitantes da brenha, sejam eles os caçadores ou os “homiziados outros” (p. 52), sejam seus próprios fantasmas:

Salteado avançou derredor os vultos pedrouços, seguia o que não via, por trás de qualquer instante, inimigo o observava. O chão nenhuma calçadura marcava, aquele nem era chão, pedroenga, ondeonde os chatos cactos, dependuradas as vagens secas da tipuã, o jacarandá-de-espinho lançando douradas grandes flores (p. 52).

O espaço das brenhas, evitado e temido, é onde se encontram aqueles que podem descobrir nosso protagonista e até mesmo feri-lo: “caçadores e seus cachorros frequentavam os campestres das vertentes” (p. 51). Aí se encontra também o perigo maior, Jenjibirro, aquele que gradativamente rouba os utensílios da civilização de que se serve Jenzirico neste mundo outro: o chapéu, a faca, a espingarda, o paletó, a espingarda, o paletó, as alpercatas. É este ser escondido nas brenhas, de nome tão semelhante ao de Jenzirico, talvez seu outro, que conduzirá o protagonista ao totalmente diferente, à brenha, onde se vê desprovido da defesa da razão ainda possível entre pedras.

Acontece que este tão temido espaço, quando, contra a vontade do protagonista, torna-se seu conhecido, mostra-se repleto de árvores, de pássaros, de canto, opondo-se ao mundo das pedras, apresentado como seco, frio, habitado por cobras, pela agourenta acauã, pelo enorme gavião-roxo a agadanhar os frágeis mocós tão amedrontados quanto Jenzirico. Durante o período que esteve no espaço das pedras, da solidão e do silêncio, ou seja, no mundo da razão, deu-se conta de que seu nome é “vasqueiro, demais despropositado” (p. 51), aproximando-o de seu inimigo, aquele que crê ter matado, Zevasco, e do irmão deste, Tovasco. Em oposição, é no antes temido mundo das brenhas, do incons-

ciente, da convivência, do canto, que o protagonista aprenderá nova forma de olhar, um olhar que não encontra o “desverde” do primeiro parágrafo, quando Jenzirico se encontrava entre pedras, mas o “verdear” “com luz de astúcia” (p. 51), conforme se lê na seguinte passagem:

De pau em pé, só se notando ainda candeias, bolsas-de-pastor, alguma que uma tipuana. Pássaros cantavam feito sabiás, vai ver sabiás mesmos. Em mente de olhos ele aprendia o caminho, ali era já chão mole, catou para provar mangabas caidiças. Entanto estranhava o que avistava – não o feitio dos espaços, mas o jeito dele mesmo enxergar – afiado desenrolado. Até assim ramas e refohagem *verdeando com luz de astúcias*. Agora, altas árvores (p. 51, grifos meus).

Jenzirico é homem da cidade, melhor dizendo, talvez, da aldeia. Encontra-se circunstancialmente na Serra porque acredita ter matado Zevasco, “tranca-ruas” (p. 50). Cada vez que tal pressuposto assassinato é registrado em “Droenha”, ele ocorre de maneira a mostrar que para Jenzirico não havia alternativa além de matar o arruaceiro que contra ele investira. Tal dado deve-se ao emprego reiterado da expressão “ter de” para o registro do ato praticado pelo protagonista quando contado pelo narrador: “Jenzirico nunca imaginara *ter de* matar um homem” (p.50, grifos meus); “Zevasco, tranca-ruas, ele *tivera de* a tiro acabar, por própria justa defesa” (p. 50, grifos meus).

Estas colocações feitas pelo narrador, “ter de matar” (p. 50), “tivera de a tiro acabar” (p. 50), são, no adiantado da narrativa, quando Jenzirico se encontra desprovido dos escudos da civilização – chapéu, alpercatas, roupas, espingarda, faca – “nu, em pêlo” (p. 52), em momento de grande desespero, assumidas pelo próprio protagonista que, sem justificativas, afirma: “ – Matei, sim...” (p. 53). A breve confissão do personagem efetivada em primeira pessoa é seguida pela retomada da narração em terceira pessoa do restante da confidência do personagem, cuidando ainda o onisciente narrador de situar a confissão do protagonista no ermo em que se encontrava:

Tão então. – *Matei, sim...* – gritou, padecidamente, confessava: ter atirado no perverso Zevasco, que na rua escura o agredira, sem eis nem pois; e fugido, imediato, mais de nada se certificando... Escutasse-o o ermo, ninguém? Clamou, assim mesmo alto e claro falou, repetia, o quanto de si mesmo o livrasse, provia algum perdão (p. 53).

Neste momento de reconhecimento do ato praticado, no qual domina o medo, a “vergonha da solidão” (p. 53), no qual o personagem “remexia no pudre dos pensamentos” (p. 53), não há a expressão justificativa “ter de” da qual anteriormente se falou. Esta expressão é substituída pela oração categoricamente afirmativa: “ter atirado no perverso Zevasco” (p. 53).

O anterior emprego de “ter de” a justificar o ato de Jenzirico quando na cidade dá ao relato a marca de um universo dividido. De um lado, situa-se Jenzirico, o representante do bem, aquele que foi obrigado a praticar uma má ação.

De outro lado, situa-se Zevasco, irmão de Tovasco, o representante do mal, aquele que obrigou o representante do bem a praticar uma má ação. Assim sendo, na cidade houve o confronto entre o “eu” e o “outro”, o confronto entre o *idem* e o *alter*. Jenzirico situa-se, pois, de um lado, Zevasco e Tovasco, por sua vez, situam-se de outro lado.

Acontece que na Serra, em situação de perigo, o protagonista dá-se conta de que seu nome mantém contato com o nome de seu oponente, não havendo mais razão para *idem* e *alter*, mas o nivelamento de ambos, conforme se lê na seguinte passagem do conto:

Precisava de conhecer o situado: o chão, em que permeio os burgaus rareava grama, o facheiro, cardos; tufos de Barbacena e arnica cerrando o adro pedrento. De lá devia um pouco descer. Sobrestado, tardador, quis escolher qual rumo, mão em arma. Jenzirico... – *ele súbito se advertiu, vez primeira atentava em seu nome, vasqueiro, demais despropositado*. Se benzeu, sacou de ombros, tudo sucedia por modo de maneira (p. 51, grifos meus).

O emprego da palavra “vasqueiro”, significando “escasso, raro, difícil de encontrar” (MARTINS, 2001, p. 518), também significando “que causa náuseas, ânsias, vascas” (HOUAISS, 2001, p. 2833), aplicada ao nome de Jenzirico, aproxima este personagem de Zevasco e Tovasco. A aproximação faz-se pela sonoridade das palavras, pondo por terra a duplicidade antes existente entre homem bom e homens maus e em seu lugar coloca um dentro do outro. A duplicidade antes exterior, uma vez que colocava lado a lado Jenzirico e Zevasco/Tovasco, agora passa a interior, dado o fato de Zevasco, o arruaceiro, passar a existir dentro do próprio Jenzirico, “vasqueiro”. Curiosamente, será a partir do momento em que o personagem toma consciência de tal fato que aprenderá uma nova maneira de “enxergar”, maneira astuciosa, conforme registra o parágrafo que sucede ao momento do reconhecimento:

Em mente de olhos ele aprendia o caminho, ali era já chão mole, catou para provar mangabas caidiças. Entanto estranhava o que avistava – não o feitio dos espaços, mas o jeito dele mesmo enxergar – afiado desenrolado. Até assim ramas e refohagem verdeando com luz de astúcias. Agora, altas árvores (p. 51).

A partir deste reconhecimento e da assunção da competência de “enxergar” (p. 51) “com luz de astúcia” (p. 51), Jenzirico, homem provido de espingarda, faca, alpercatas, chapéu, paletó..., começa a ter miragens e a gradativamente perder os objetos que o mantêm vinculado ao mundo civilizado. Associa a primeira miragem que tem a “sombra, assomo de espectro” (p. 51), sendo ambos, “sombra” e “espectro”, imagens advindas do mundo do insólito, do fantasmagórico, da subjetividade colocada em risco. É como se, em sua indignação, em sua insegurança determinada pelo desterro que se auto impôs, Jenzirico sentisse necessidade de um “outro”, de um *alter ego* que registrasse, através da

nudez, a solidão, o silêncio, o medo que o dominam, ou seja, a nudez psíquica, o desamparo em que se encontra. Vendo este outro “nu, em pelo” (p. 51), nada mais vê do que a si mesmo, o qual, no entanto, enquanto ser racional que ainda se mostra neste espaço das pedras, não quer deixar vir à tona. Esta primeira miragem aparece na seguinte passagem:

Inda então andou mais. Deu com miriquilo de vala, ajoelhou-se, bebia água e sol. Mas – no relancear – viu! Desregulado enxergara, a sombra, assomo de espectro? Por trás de buranhém e banana-brava, um homem, nu, em pelo (p. 51).

Contra esta miragem, o ser racional se rebela e categoricamente nega a existência da mesma: “Virava falseio, divago, a visão de antes” (p. 51). Os objetos que vão sendo gradativamente perdidos (roubados) têm logo uma pronta explicação racional. Ao sumiço do chapéu atribui “pouca sorte” (p. 51). Os possíveis “reinadios macacos” (p. 52) são responsabilizados pelo desaparecimento do paletó. Num processo gradativo de tentativa de ilusão, o narrador, registrando o pensamento de Jenzirico, chega a atribuir o “espirro humano” (p. 52) escutado pelo personagem ao próprio personagem, estando neste momento como que a duvidar da capacidade do protagonista apreender os fatos da realidade. É como se o narrador, que está com o protagonista e que compactua sua visão de mundo, preferisse Jenzirico surdo a vê-lo acreditando em “sombra, assomo de espectro” (p. 51). A racionalidade é, pois, afirmada até onde ela se faz possível, rompendo-se quando nas brenhas, na “água-de-grota” (p. 53), o personagem vê-se completamente desprovido de qualquer marca do universo civilizado, deparando-se então, de maneira segura, frente ao outro, ao seu *alter ego* que, no entanto, parece partir para não mais voltar:

Viu, enfim, no sacudimento: aquele, o qual! Semelhante homem – trajado sabido, enchapelado – de suspapés, olhava-o, bugiava? O indivíduo – solerte vivo de curiosidade. Ia investir. Mas inesperado se afastou, com passos, expedido, campou no mundo. Virou o já acontecido (p. 53).

É o que realmente ocorre. O protagonista do conto é repentinamente surpreendido com a chegada de seus companheiros da cidade, Izidro e Pedroandrê. Estes vêm com a inesperada notícia de que

Zevasco não morrera, na ocasião. – *Agora, sim...* – morto estava. Sujeito sandeu aparecera, direto para o exterminar, a toda a lei. Semelhante antigo homem, um Jinjibirro, em engraçadas encurtadas roupas, chapelão; o que, de havia muitos anos, levava sumiço, desertor serrão, revel por intimado de crime, ainda que se sabendo, depois, que nem se não era o exato assassino. – *Tovasco vingou o irmão, à faca ainda pegou o estúrdio reaparecido, o derribou, porém se foi também, com muito barulho...* De vez e revez, os terríveis estavam terminados (p. 53).



Frente a esta nova situação, só resta ao personagem o retorno à normalidade, ao centro de sua circunferência situada na cidade, na aldeia, talvez, dado o universo rural sempre presente na obra de João Guimarães Rosa. Traz do estranho mundo em que por algum tempo viveu um mocó, ser que, em verdade, o metaforiza em sua vivência diária de horror do qual não conseguiu racionalmente se desvencilhar. Repleto de ira contra si mesmo, resta ao personagem, quando libertado do mundo desconhecido, o ataque ao animal e, com sadismo, objetiva tirar-lhe as tripas, de maneira a projetar no outro, seu verdadeiro parceiro, seu *alter ego* imbecil, “bocó”, como sonoramente a denominação do animal leva a ler, a violência por tanto tempo interiormente contida.

O conto aqui analisado “relaciona-se ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror” (FREUD, 2010, p. 329), sendo-lhe claramente aplicável a denominação freudiana de *unheimlich*, ou seja, conforme tradução de Paulo César de Souza, de inquietante. Isto porque, quando retirado de sua circunferência, Jenzirico, o protagonista do conto roseano, vivencia a perda de identidade, não sabendo como agir no novo espaço em que se vê inserido. No período em que aí permanece, conforme foi visto no decorrer da análise aqui efetivada, mesmo lutando sem cessar para não perder a racionalidade, vivenciando com galhardia no dia a dia o horror frente ao desconhecido, acaba não resistindo e indo para o outro lado, o das brenhas, do inconsciente, de onde sai por obra do acaso (a morte de Zevasco e Tovasco) para retornar ao seu “mundo sueto” (p. 54), verdade que enriquecido pela experiência involuntariamente vivida. A raiva antes contida pode agora ser extravasada no animal que no momento do retorno tem certeza de que foi verdadeiramente seu *alter ego*: o mocó. Consciente de sua pequenez frente ao animal que não saiu das pedras, permanecendo até o final em luta tenaz contra o desconhecido, contra as brenhas, Jenzirico retorna ao espaço no qual sempre viveu, ao denominado *heimlich* freudiano, ao mundo domesticado, para retomar sua vida anterior repleta de tranquilidade.

#### C. C., ADELAIDE. THE UNCANNY IN “DROENHA”, BY JOÃO GUIMARÃES ROSA

##### **Abstract**

*This study aims at analyzing the short story “Droenha”, included in Tutaméia (Terceiras Estórias), by João Guimarães Rosa. By believing to have committed a crime, the protagonist, Jenzirico, sees himself forced to escape from the civilized universe. He goes to a mountain range and starts to live alone in this place, totally inserted in nature. Gradually, the rationality, recorded while the protagonist is among stones, starts to be replaced by phantoms, leading him to the dense wood, where he previously saw his alter ego naked and unarmed. In the end, there is a return to the civilized world, bringing with it, from the primitive world, a rock cavy, an animal that tortured him very much, putting at risk his subjectivity.*



### **Keywords**

*João Guimarães Rosa; Tutaméia (Terceiras Estórias); Droenha; uncanny.*

### **Referências**

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Vol. XIV. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 328-376.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LUGONES, Leopoldo. El descubrimiento de la circunferencia. In: \_\_\_\_\_. *Cuentos fantásticos*. Madrid: Cofás, 2004. p. 113-116.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ROAS, David. *Tras los limites de lo real. Una definición de lo fantástico*. Madrid: Páginas de Espuma, 2011.

ROSA, João Guimarães. *Tutaméia (Terceiras Estórias)*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

